

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 28 DE AGOSTO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 87

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
O duello e a imprensa.....	F.
Mendes Leal.....	L. DE MENDONÇA.
A pena de açoites.....	V. MAGALHÃES.
Uma resposta.....	A. DE SOUZA.
Trova, poesia.....	E. MONTEIRO.
Cartas de Lisboa.....	G. SASSETTI.
A Flautia, poesia.....	F. M.
Jornaes e revistas.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	P. TALMA.
Theatros.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes de Pernambuco rogamos a fineza de mandarem pagar as suas assignaturas ao Sr. Afonso de Souza e Vasconcellos, na rua do Marquez de Olinda, 14, de quem receberão os respectivos recibos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não se pôde ter espirito e graça neste paiz! Convenço-me d'esta verdade toda a vez que deixo de escrever esta fulgurante secção d'A Semana. A principio eu, cheio de uma hobre modestia, que me ficava muitissimo bem, acreditava ser um chronista insignificante e pensava merecer a eterna gratidão dos leitores quando deixasse de lhes impingir a minha prosa desataviada e semsabonada. Contra os factos, porém, de nada valem as convicções intimas. Agora, quando a historia não apparece, por falta de espaço e carencia de assumpto, chovem as reclamações! Os jornaes das provincias, honrados e queridos collegas, dizem com grossas lagrymas de tinta e, ás vezes, com a syntaxe embarçada pela commoção, que «Filindal d'esta vez não nos illuminou com as

irradiações da sua scintillante *verve* etc., etc.; malevolos, que não sabem que eu sou um dos maiores trabalhadores da rua do Carmo, levam á conta de mandriice a synalepha que lhes eu abro na leitura semanal. De forma que, ainda que a semana não haja tido historia, eu sou obrigado a escrever a historia da semana.

Decididamente sou um chronista celebre. Vou reclamar o meu logar no *Figaro* ou no *Gil Blas* e expulsar de lá os insignificantes Wolff e Grimsel. Contudo, obtido o meu cargo de chronista parisiense, e eu não serei ingrato a Matto Grosso ou a Sergipe; não; de lá, da radiosa capital do riso, continuarei a derramar a luz do meu bestunto pelas longes terras da America.

Não ha nada peor neste mundo, ó carioca ingente que me lê! não ha nada peor do que ser grande homem. A celebridade traz encargos e louhos; quem é celebre precisa ser audaz e tem obrigação de ser mais original do que o proprio archiduque Ernesto. Imaginao, se polcis, Victor Hugo deante dos subdelegados demittentes do Rio de Janeiro!

Imaginastes, cariocas?

Pois aqui me tendes, a mim, successor virtual do grande Mestre no pinaculo do engenho humano, deante d'este famoso entremez policial que encheu de pavor os burguezes pacatos e que deu um raio de esperanza a *Senhora* aos conhecidos *gatunos*. Aqui estou eu, dubitativo e perplexo, como o Pilatos no grandioso quadro de Munkakzy. No alto vejo Jupiter Delfino Ribeiro da Luz, armado das trenebundas portarias exonerativas; á direita um major-fiscal, inflamado e mavorico, prendendo um sublegado irroso e revoltado, que por sua vez o prende tambem. Por debaixo da meza da estação ergueira-se um alferes commandante, especie de Paris que lançou no Olympo o pomo da Discórdia; ao fundo, entre os camponezes obrigatorios do 5º acto, estão enfileirados todos os subdelegados da Corte, cantando a *meza voce* o coro dos conspiradores da *Mme. Angot*. *Tam-tam* nos bastidores, tempestade aolongo; apoteose: Jupiter atira duas portarias, e os conspiradores do fundo descem ao primeiro plano e saltam das coxias para o bem conhecido olho da rua. Confusão, fogos de bengala e de reffle. Forte na orchestra. Cae o panno.

«—Que todos os escravos pertencentes a espolios de subditos portuguezes, e cuja liquidación incumba aos respectivos consulados de Portugal no imperio do Brazil, serão remidos, sem prejuizo dos interessados, e de harmonia com a legislação brasileira.»

Eis a proposta apresentada pela benemerito Sr. conde de S. Salvador de Mattosinhos, no dia 23, á commissão consultiva do consulado portuguez nesta Corte.

Esta simples proposta, altamente philantropica e humanitaria, veio não só salvar os cidadãos portuguezes aqui

residentes da pecha de escravistas, mas demonstrar mais uma vez as singulares qualidades do coração e do caracter civico do illustre commerciante, que tem sibilado pelo seu incessante e honrado trabalho e pelo seu grande merito elevar-se ás maiores dignidades e ás mais altas posições.

Realizada a grandiosa illa do illustre conde, muito ficará devido a S. Ex. a causa do abolicionismo no Brazil e a gratidão dos portuguezes, cuja colonia S. Ex. por tantissimas vezes tem representado com o maior lustre.

Não lhe regatearemos os nossos applausos, bem como aos Srs. conselheiros Nogueira Soares, Dr. Daniel da Silva Ribeiro e commendadores José João Martins de Pinho, Luiz de Faro Oliveira e Caetano Pinheiro da Fonseca, que acceitaram a proposta com entusiasmo e constituiram, sob a presidencia de S. Ex., a commissão incumbida de a levar a effeito; não lhes regatearemos os nossos applausos, nós que, se temos por ventura erraço, orgulhamo-nos de ter sido sempre sinceros na manifestação do nosso pensamento e da nossa opinião.

Foi tambem facto digno de nota nesta semana a commemoração do anniversario do Lyceu Litterario Portuguez, celebrada com uma esplendida festa no dia 24. Depois do discurso do presidente, tomou a presidencia da sessão o Sr. ministro de Portugal e foram inaugurados os retratos das benemeritas senhoras condesa de S. Salvador de Mattosinhos, viscondessas de Américo Lima, de S. Thiego de Riba d'Ul e de Wildiek e Exma. Sras. D. Maria Teixeira Rodrigues e D. Isabel Labourdonay G. Roque de Pinho.

Em seguida houve distribuição de medalhas de ouro, prata e cobre a varias senhoras e cavalheiros que têm prestado serviços ao Lyceu, e depois foram por S. M. o imperador entregues os premios aos alumnos.

Houve depois um brillante concerto e em seguida discursaram varios cavalheiros, terminando a festa por uma lauta ceia.

Foi o 18º anniversario d'esta utilissima associação, que tão largamente tem espalhado no Brazil a grande luz da instrucção. Nunca serão demasiados os louvores tecidos ao Lyceu Litterario Portuguez.

Honra aos seus directores. Que elles recebam as saudações entusiasticas da chronica e os cumprimentos cordialissimos do chronista.

Digno de nota, creio que nada mais houve na semana, tirante a denuncia dada pelo deputado Coelho Rodrigues contra o conselheiro Carneiro da Rocha; isso, porém, pertence ao meu collega Tob, muito mais malandro do que eu.

Além do que, eu não tenho opinião formada sobre a questão. Na camara, como nos hotéis, eu hesito sempre entre o Coelho e o Carneiro. Resolvo a coisa, pois, como a resolveria no *Globo*:

Dê-mhe ambos... mas com batatas— com muitas e boas batatas.

FILINDAL

O DUELLO E A IMPRENSA

O meu artigo, sob este titulo, publicado em o numero passado, teve as honras da transcripção n' *O Paiz*, d'esta corte, e no *Diario Mercantil*, de S. Paulo, com palavras de elogio e assentimento; mas, por outro lado, valeu-me varias cartas, quasi todas anonymas e algumas pouco gentis; todas, porém, condemnando as minhas ideias no assumpto. D'ellas a mais importante foi a do Sr. D. S. P. J. que «acha sempre dispensavel o duello, sempre» e os duellistas «dois suicidas-homicidas.»

Releia S. S. attentamente o meu artigo anterior, que nelle encontrará resposta cabal ás suas objecções, que têm sido, de ha muito tempo, as de quantos combatem o duello.

Acreditará S. S. que a França, a Italia, a Allemanha, Portugal, os Estados-Unidos etc, não conheçam os males e os inconvenientes attribuidos ao duello?

E, no emtanto, esses paizes, incontestavelmente mais civilizados do que o nosso, ainda não descobriram até hoje cousa que pudesse vantajosamente substitui-lo. «O duello não se discute, impõe-se.» como disse a *Revista Illustrada*; «tolera-se como uma dura necessidade», como afirmou *L'Italia*.

D'essa carta, porém, destacarei um tópico que é característico:

«Para mim, o duello só não é comico, caricato e ridiculo — escreveu ferozmente S. S. — quando remata com a morte de um ou de ambos.»

E' isto; bem o dizia eu, sabbado passado. Toda a gente aqui acha o duello — uma palhaçada. Foi esta a impressão produzida na grande maioria pelo encontro de honra na Ilha d'Água. O maior numero dos — aliás, innumeraveis — commentarios foi desfavoravel tanto para os duellistas como para as testemunhas. Nada valeram contra a risada publica os nomes e os precedentes de honra e siseudez d'aquelles seis homens.

Faço minhas as seguintes palavras escriptas por um d'elles, o honrado e brioso jornalista e ex-militar, Sr. G. Fogliani com o n. 112 do seu excellente diario *L'Italia*:

«Naquella partida de honra estavam envolvidos, como testemunhas, tres officiaes superiores da marinha brasileira. O soldado, em todos os povos civilizados, é symbolo do valor e da honra.

«E que desgraçadissima opinião não teremos todos o direito de formar de uma população, cuja uma parte (digamol-o francamente) tem a desavergonhada coragem de pôr em duvida a seriedade, e a lealdade de uma partida de honra em que estiveram envolvidos tres officiaes superiores do seu exercito e da sua marinha?

«Se em um paiz se duvida da honra e da lealdade do seu proprio exercito e da sua propria marinha, que outra cousa encontraremos nelle de respeitavel e respeitado?

«E havemos de ser nós, os estrangeiros, que devamos tributar a merecida homenagem a essa marinha e a esse exercito? que devamos reivindicar-lhes a seriedade, a lealdade, a honra?...

«E reivindicar-as contra quem? Contra uma parte da propria população brasileira!

«E' extraordinario, é incrível, é estupefante!»

Que essas, nobremente indignadas, palavras façam corar as faces de quantos, levanamente, patuscamente, á brasileira, acharam o famoso encontro do dia 18 — uma farça.

Essa opinião, oh! vergonha! não foi só do vulgo, foi tambem da imprensa. Meia duzia de jornaes, nomeadamente o

Correio e a Gazeta de Campinas riram-se a perder, em artigos malevolos e entrelinhados.

A *Gazeta*, de que é director o Sr. Carlos Ferreira, um homem intelligente e que já não é criança, escreveu isto: «O que fizeram os Srs. Araujo e Reis, coripeus da imprensa fluminense, foi simplesmente uma farça, que no Brazil só pode causar aborrecimento em vez de riso.»

E o *Diario*, pela penna de *Hendebat*, transparentemente pseudonymo de seu director, *Henrique de Barcellos*, insinuou perfidamente: «A honra d'aquelles jornalistas ficou satisfeita, porque o diabo meteu-se de perneio e... bolio na escorva da arma do Sr. Araujo. Quem carregou as pistolas foi o Sr. barão de Jaceguay, distincto militar, tão brioso como pandego.»

Que esses meus illustrados collegas queiram responder, se puderem, ás perguntas, acima reproduzidas, do illustre redactor de *L'Italia*.

Um hebdomadario distractivo d'esta corte fez mais ainda: cobrio o incidente de pilherias torpes, que não pouparam nenhum dos cavalheiros que tomaram parte no recontro.

Assim, pois, parte da imprensa — e nisso mostrou-se, por triste excepção, representante da opinião publica — não tomou a serio o duello entre os directores da *Gazeta* e d'*O Paiz*.

Agora, posso e vou concluir.

E concluo, reconsiderando o que neste logar expendi, sabbado passado, para declarar que acho o duello inaclimavel, extravagante, impossivel — no Brazil.

E' pela seguinte razão — que constitue a objecção maxima, indestructivel, a unica que me não foi feita — porque o duello só existe e só pôde existir nos paizes em que se tem verdadeira comprehensão da honra e da dignidade pessoal e se adopta opinião diversa da dos brasileiros acerca dos meios de desagralval-as e conserval-as intactas e limpas.

Aqui pensa-se e diz-se que o Dr. Araujo teria defendido cabalmente a dignidade, a honra, o brio e o nome seu e dos seus companheiros de redacção — nada respondendo ao artigo ultimo do Sr. Commendador Reis, eucastellando-se neste commodo castello roqueiro — o desprezo.

Esta é a opinião geral, a opinião da maioria.

Ora, deante d'isto, fóra absurdo continuar a defender a necessidade do duello no Brazil.

Elle é desnecessario, pois temos outros muitos meios de desaffronta — em primeiro logar o desprezo; e depois — o apedido com a sua respectiva alma — o testa de ferro; a liquidação á unha, na rua, ao solo coram populo, e, por ultimo, a sóva por encomenda, a celebre *casaca de pdu*, ou de aço, de que se encarregam baratinho conceituados alfaiates, matriculados, não propriamente no tribunal do commercio, mas no do jury.

Agora reconheço a intuitiva sabedoria com que imaginei, ha dois annos, a fundação de uma *agencia de sovas*. Como que, inscientemente, advinhava o que se está passando!

Ao desenvolvimento d'essa idéia, feito por mim em artigo publicado na *Gazeta de Noticias* de 18 de Novembro de 1884, me reporto, aconselhando a com fervor a todos quantos acham o duello comico e desnecessario.

No Brazil ha de sempre haver honra e dignidade emquanto houver os Romão José de Lima e os *Cá-te-espere*, — para defendel-as.

Abençoado e original paiz!
Do que tu precisas não é do duello, é de um Offenbach!

VALENTIM MAGALHÃES.

MENDES LEAL

Falleceu nodia 22, em Cintra, o grande escriptor portuguez José da Silva Mendes Leal Junior. Mendes Leal, prosador e poeta da gloriosa geração litteraria de Portugal, que teve por coripeus Herculano, Garrett e o mellifluo Castilho, foi um dos mais poderosos reformadores das letras portuguezas e um dos primeiros que enfrentaram com o classicismo triumphante, estabelecendo pouco depois de Garrett, as bases do romantismo em Portugal.

Onde, porém, melhor se encontrou o seu largo espirito foi no ramo theatral. Antes dos vinte annos, em 1839, no theatro normal da Rua dos Condes, fazia representar o seu drama *Os dois Renegados*, peça emocional, de gosto antigo, de uma maneira toda portugueza, que se extinguiu com o advento da revolução litteraria cujo inicio foi a controversia azeda e vibrante da chamada escola coimbrã.

Os dois Renegados não é por certo uma obra de grande valor, mas pode-se afirmar que, no genero, é uma das melhores da epoca.

Este inicio prospero na litteratura dramatica fructificou com abundancia.

Mendes Leal enveredou mais tarde por todos os galhos d'esse ramo litterario.

Escreveu a tragedia, o drama e a comedia, parte em verso e parte em prosa. A sua tragedia em verso — *Viriato* é de um grande valor litterario e de uma profunda emoção dramatica.

Os primeiros amores de Bocage é uma peça primorosa, cheia de originalidade e de saber technico. *Os homens de marmore*, drama em 5 actos, abriu-lhe as portas da Academia Real das Sciencias de Lisboa. *Pedro*, drama moderno em 5 actos, foi sempre representado com successo, tanto em Portugal como no Brazil.

Além da especialidade theatral, o illustre escriptor tractou todos os generos de litteratura: romance, historia, poesia. Romances, deixa cerca de vinte; muitas memorias, biographias e estudos historicos. Ha d'elle varios pequenos poemas, impressos em folhetos, e uma colleção de poesias — *Canticos*, publicada em 1858. Nesse volume ha composições de grande merito, muitas das quaes alcançaram muita popularidade, como a *Ave, Cesar!* feita á morte de Carlos Alberto, *Napoléão no Kremlin*, *O pavilhão negro* e outras.

Morreu com 66 annos de idade, em pleno vigor do seu grande talento.

F.

A PENA DE AÇOITES

O recente e ominoso facto, occorrido na Parahyba do Sul, com escravos que cumpriram pena de açoites, dá oportunidade a esta rapida investigação juridica sobre a especie.

Parece que tal pena ficou implicitamente abolida de nossa legislação pela ultima reforma do elemento servil.

A lei n. 2370 de 28 de Setembro de 1885 diz, no art. 3º §. 10: «São libertos os escravos de 60 annos de idade, completos antes e depois da data em que entrar em execução esta lei; etc.»

E' a fixação, por lei, de termo, *dies certus*, chegado o qual para cada um dos individuos a que se refere a disposição, será elle liberto. Desde, pois, que começou a vigorar a lei citada, não ha no Brazil escravos, senão: *estado-livres, statuliberi*: «Statuliber est, qui statuum

et destinata in tempus vel conlitionem libertatem habet»; fr. 1, pr. Dig., de *statuliberis* 40, 7. Tal tem sido a opinião defendida pelo Sr. conselheiro Affonso Celso.

Assim, concluímos, não ha hoje no Brazil delinquente passível da pena de açoites, decretada pelo art. 60 do Cod. Criminal para o *reus que for escravo*.

O *statuliber* não é escravo, nem pôde senão impropriamente ser assim chamado.

« Os escravos, diz T. de Freitas, Consol. das L. Civ., not 1 ao art 42, *deixam de ser taes* pela alforria ou manumissão.

... Como a alforria pôde ser dada por *fidei commissum*, a prazo, ou debaixo de condição; ha um *estado medio entre a escravidão e a liberdade*; e os escravos, que se acham nesse estado, têm a denominação de *estado livres* ».

E, para o effeito especial que nos interessa — a posição do *statuliber* perante a penalidade, releva notar que já no *Direito Romano* se mandava punir o *estado-libre* como se fora livre (L. 9, § 16 do Dig. de *penis*)—T. de Freitas, obra e lugar citados.

Por consequencia, não ha necessidade de reforma legislativa, como se projectou no sentido, para revogar o art. 60 do Cod. Criminal, já insubsistente depois da citada disposição da lei de 23 de Setembro do anno passado.

Bastava que o malsinado regulamento da tímida e acanhadissima reforma tivesse querido, como cumpria expressar-lhe esta consequencia inevitavel para o nosso processo criminal. Ainda assim, a questão é só de applicação de lei: basta que o poder judiciario tenha a coragom de o comprehendere.

Valença, 7 de Agosto de 1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

UMA RESPOSTA

O Exm. Sr. conselheiro Silveira Martins, discutindo no Senado, na sessão do dia 24 do expirante, o orçamento do ministerio do Imperio, fez, entre outras, a seguinte censura ao Exm. Sr. ministro do Imperio:

« Em Minas, que outr'ora gosava da fama de ter bons professores de latim, já não existem latinistas de par com os progressos da moderna sciencia da linguaagem, nem com os progressos da pedagogia. Pouco ha, aliás, que estranhar nisso, pois que o honrado ministro do Imperio, mesmo aqui na Corte, toma um bacharel em direito, o Sr. Valentim Magalhães, e o nomeia professor de pedagogia—isto é, da materia que em Cœnigsberg foi professada pelo grande Kant, philosopho tão notavel que, para achar-se outro maior, cumpre na serie historica remontar até ao famoso Aristoteles. O nomeado é moço intolligente, dado a lides de imprensa; mas por isto mesmo não era o mais proprio para o paciente e aturado labor de pedagogista, nem tinha a experiencia do ensino requerida, para o desempenho de tal magisterio. »

Minha resposta, que será curta, constará de tres partes:

I Quem me nomeou professor de pedagogia e methodologia (4ª cadeira da 2ª serie) da Escola Normal foi, é certo, o Exm. Sr. barão de Mamoré, em Agosto de 1885; mas eu já havia sido nomeado professor substituto d'essa cadeira pelo Sr. conselheiro Francisco Antunes Maciel, a 2 de Junho, de 1884.

Creio que o illustre senador forma a

respeito do criterio, prudente e illustração do distincto ex-ministro do Imperio o mais elevado e lisonjeiro conceito. Se eu tinha habilitações para desempenhar o lugar de substituto, era licito crer que tambem as tinha para proprietario da cadeira.

II Certamente que se o illustre ministro, quando me nomeou para aquella cadeira, se houvesse lembrado que a mesma cadeira havia sido occupada pelo grande Kant, não me teria nomeado; mas ousou crêr, sem immodestia, que teria deixado a cadeira vaga, pois não sei que tenha o Brazil a honra de possuir nenhum Kant.

III O facto de eu ser, na opinião de S. Ex., « moço intelligente e dado a lides de imprensa » não contra-indica o exercicio do magisterio, mesmo na cadeira de pedagogia. Quanto a se tenho ou não tenho a precisa experiencia de ensino nada posso dizer. Parece-me, entretanto, que S. Ex. só poderia accusar-me de não tê-la, se já me houvesse dado a honra de ir ouvir-me.

A minha aula é ás segundas, quartas, e sextas-feiras, ás 7 horas e 10 minutos da noite.

Considerar-me-ia honradissimo com a visita de S. Ex., tivesse embora de, no dia seguinte, ouvido pedir a minha exoneração por incompetente.

E' isto apenas o que tenho a responder ao illustrado e glorioso representante da provincia do Rio Grande do Sul no Senado.

27—8—86

VALENTIM MAGALHÃES.

TROVA

Sorrio porque sorris;
São eguaes as nossas vilas;
Sou feliz porque és feliz z;
Almas não ha tão unidas :

Se choras, meus olhos choram ;
Se folgas, folgo, meu beu;
Se os teus olhos me namoram,
Namoram-te os meus tambem.

De amor a mesma taiz
Fez uma das nossas vidas ;
Sou feliz porque és feliz,
Almas não ha tão unidas !

1886.

ALFREDO DE SOUZA.

CARTAS DE LISBOA

«A VELHICE DO PADRE ETERNO»

Um estudo critico devidamente desenvolvido sobre o novo volume do Sr. Guerra Junqueiro, convenientemente exemplificado, mostrando o lugar que elle veio occupar na obra do poeta, o que nelle ha de antigo e o que nelle ha de novo, occuparia muitas folhas de papel e não é para se fazer em publicações da indole d'*A Semana*.

Direi pois a minha opinião o mais syntheticamente possível, fundamentando-a o mais resumidamente que puder.

Principio por dizer que o livro não correspondeu á expectativa geral, foi uma decepção. Para isso concorreu muito a anciedade com que era esperado ha muitos annos, a admiração e louvores com que ha muito tempo se

anunciava a sua proxima publicação, as phrases entusiasticas espalhadas por alguns felizes da intimidade do poeta, enfim a prolongada demora do *parto*. Historia do rato e da montanha, que, mesmo que parisse um leão, sempre pareceria um rato.

A obra foi acolhida com uma indifferença claramente pronunciada. A imprensa pouco disse, alem dos adjectivos obrigados quando se falla do auctor. E no mundo litterario a impressão geral foi que a nova obra de Junqueiro era inferior ás antecedentes, como que um *fasco*.—Você leu? perguntava-se.—Li algumas folhas... e larguei. Fraco... fraco... E ficou isso assentado. Ninguém, depois, tinha a coragem de dizer: li tudo; li e ganhei; tem coisas magnificas.

Compreende-se facilmente que assim acontecesse. O nosso pequeno mundo litterario compõe-se geralmente de sujeitos que lêem muito, mas estudam pouco; que pensam e sentem pelos livros que lêem a prova d'isso é a falta de personalidades na nossa litteratura. Ora estes sujeitos principiam naturalmente a ler o livro pelo principio, assim como eu; não acharam mau, mas tambem não viram nada de novo, de extraordinario; e disseram como eu: *c'est connu*. Lêram mais algumas paginas e a impressão foi a mesma: *sabido, sabido*... Lêram ainda mais adiante, ao acaso, e principiam a aborrecer-se, como eu, com aquella terminologia que, á força de repetida, já implica com os nervos, como succede com essas arias que cada anno caem no agrado do publico e vão passando do theatro para as bandas regimentaes, para os pianos, para o assobio dos garotos, até chegarem ao realjo ambulante; a consciencia e a justiça; os 6000 annos; os chacaes rimando com cristaes, e as crianças com pombas mansas; os adjectivos em *ente* com os adverbios em *mente*; aquelles typos já muito antigos e safados—o Torquemada, o cura Santa Cruz, a Bênoiton, o pallido Jesus; o *assim* como de V. Hugo, muito mal soante; a repetição de duas imagens no mesmo verso separadas pela cisura e de muitos adjectivos reclamados pela grande medida do alexandrino, que, por ser pouco portuguez, demanda mais perfeição do que qualquer outro. Junte-se a isso a má impressão produzida pela feição material do livro (porque tulo influe) e pelo exaggerado do preço em relação com a qualidade inferior do papel e da tinta e com a incorrecção typographica; junte-se mais a decepção produzida no publico pela mudança do titulo á ultima hora (tanto que o titulo corrente é ainda *A Velhice de Jehovah* até pags. 24) e mais ainda por lhe darem em vez de um poema que elle esperava, uma collecção de poesias, algumas já conhecidas, escriptas em periodos muito differentes, e pertencentes a uma obra que só ficará completa num segundo volume. Junte-se mais a impressão de tedio produzida pela falta de variedade na ideia, pela banalidade de argumentação de muitas composições e até pela inferioridade esthetica de algumas, e parecerá natural que aquelles que, como eu, lêram até ao *Eurico*, inclusive, arru-massem a obra e viessem dizer aos amigos:—Fraco, fraco...

Essa foi a primeira impressão. Mas eu não me fio em primeiras impressões, principalmente quando ellas não são favoraveis.

Por isso continuei a leitura até ao fim e, ainda mais, li a obra segunda vez. E foi assim que a minha primeira opinião se modificou consideravelmente, como ha de modificar-se a de todos aquelles que fizerem como eu.

Para lhes dizer a minha opinião sobre a *Velhice do Padre Eterno* considerarei a obra sob dois pontos de vista: o fundo e a forma. Considerada sob o ponto de vista da ideia a *Velhice do Padre Eterno* é uma collecção de poesias que, directa ou indirectamente, têm o mesmo fim: matar o catholicismo. Matam-no em nome da justiça, em nome da razão, em nome da verdade.

Sob esse ponto de vista a obra é effectivamente fraca. As 50 poesias da obra, que o auctor diz serem 50 balas que vão bater no mesmo alvo, desconfio que lhe hão de fazer pouco damno, no alvo, se tiverem todas a mesma força d'estas do primeiro volume.

Um seculo depois de Voltaire, a uma geração educada pela philosophia moderna, no ultimo quartel d'um seculo que fez a sciencia das religiões, a uma mocidade que mais ou menos len Renan, Maury, Draper, Max Muller, Buchner, Michelet, Proudhon e os mais até Yves Guyot; que mais ou menos leu Comte, Littré, Ribot, Saisset, Vacherot e Darwin, Stuart Mill, Spencer, a uma mocidade, emfim, educada pela sciencia moderna vem o Sr. Junqueiro trazer para lhe arrancar do coração algumas raizes que ainda lá houvesse de catholicismo, a religião que ella na maior parte bebeu com o leite, composições como a *Semana Sancta*, *Parasitas*, *O Papão*, *O Baptismo*, *Eurico*, *O Dinheiro de S. Pedro*, *Antonelli*, *Ladainha moderna*, e tantas outras...

Ninguém se admiraria de ver essas composições no *Seculo* ou em certos periodicos anti-catholicos que se vendem nos kiosques, onde tambem se vendem coisas obscenas. Mas de um talento como o Sr. Junqueiro são de estranhar coisas d'estas:

Ao povo, esse animal que o Padre Eterno monta,

e

Eu lembrei-me de vós, funambulos da cruz
Que andaes pelo universo ha mil e tantos annos
Exibindo, explorando o corpo de Jesus.

e

Baptisae: arrancaes d'um anjo um satanz,
Desinfectae Ariel banhando-o em agua-raz
De igreja e no latim que um malandro espectorator,

e mais

N'uma tarde d'outono, a somnolento trote,
Um macho conduzia em cima do albardão,
O muitissimo illustre e digno padre João.
Ao entrarem na aldeia os dois irracionais,
e mais esta, *Ao Nuncio Masella* :

O Padre Eterno esti coberto de masellas
E tu (tu nome o attesta, ó boizo) és uma d'ellas,

e est'outra

O Padre Santo, que é um padre divertido,
Mandou escripturar então por um cornaca
Uma igreja a um bordel e um Christo a uma barraca

e ainda esta

Indo dormir talvez, oh pandega, oh delicia!
Jesus c'oa Magdalena—á esquádra de policia,
e mais esta, para findar :

Uma loba empenhou um dia de Tartufo,
E Antonelli nasceu c'este consorcio bulfo.

Não, meus senhores, o livro do Sr. Junqueiro não vem fazer nenhuma revolução nas crenças dos seus leitores. Pelo fundo, a obra nova do grande poeta não valo nada. E de certo que, se a sua propaganda tivesse algum effeito, seria contraproducente. As folhas catholicas é que podem tirar d'ella um grande partido: é excellente para ellas avigorarem as crenças dos que ainda as têm e para lhes disputar o odio contra o espirito moderno.

De resto ninguem crê, julgo eu, na sinceridade do poeta. Elle não escreve aquellas coisas porque a convicção ou a necessidade da lucta o obriguem a isso. Já vae longe o tempo de Voltaire e mesmo de Michelet.

Vejamos agora a obra pelo lado da forma.

Ninguém dirá com verdade que o Sr. Guerra Junqueiro é correcto. A sua poesia não tem parentesco nenhum com a do Sr. Gonçalves Crespo ou João Penha. A característica da inspiração do Sr. Junqueiro é a imaginação; uma imaginação exuberante de meridional, junctamente com a analyse fria e caustica da razão. A sua poesia não tem a serenidade correctiva, a cinzeladura artistica dos parnasianos; não tem a philosophia profunda de Anthero do Quental, que vive, meditativo, isolado, fora por assim dizer do seu tempo e da vida moderna, num mundo seu, um mundo que ainda ha de vir.

O Sr. Guerra Junqueiro não vé o mundo subjectivamente, como João de Deus, outro contemplativo, vivendo tambem num mundo à parte, mas vivendo mais pelo sentimento, enquanto Anthero vive mais pela razão. A poesia do Sr. Junqueiro é inteiramente objectiva. As suas poesias lyricas, mesmo, são de um lyrismo objectivo, um lyrismo scientifico, um lyrismo de imagens, onde não apparece o sentimento. O Sr. Junqueiro é um poeta que canta o que vé, que canta o mundo moderno como elle é á superficie. Nas suas obras reflecte-se a alma do seu tempo; mas a vida d'ellas não é a vida de quem toma uma parte activa nas luctas do seu tempo, mas sim a vida reflectida de quem lê, descansado em sua casa, as obras dos luctadores, de quem conhece a sciencia e a litteratura do seu tempo. A sua paixão é uma paixão ficticia, que lhe dá a sua imaginação poderosa de meridional.

Por isso um assumpto insignificante toma, quando tractado por elle, uma importancia inesperada, enorme; amplificado, engrandecido ao atravessar-lhe o cerebro potente, desenvolve-se em catadupas gigantes que correm desordenadas, ingentes, temiveis.

D'ahi a sua incorrecção e d'ahi a sua força.

Essa me parece ser a feição, a essencia, o genio da poesia do Sr. Guerra Junqueiro: a grandeza, a exuberancia, a força.

Já nos seus livros anteriores não seria difficil descrever as influencias estranhas (Baudelaire, Musset, Gautier, Hugo) esse indicio da personalidade do poeta. Mas, para quem ler a *Velhice do Padre Eterno* até ao fim, essa personalidade ficará claramente manifesta, como já o estava para aquelles que conhecem um poemeto que corre manuscrito e que só poderá ser impresso nas impensas de Cythera.

O Sr. Junqueiro vé sempre grande.

Por exemplo:

...entre o abysmo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira herculea de mon'as-

Com jaulas colossaes de bronze nas entra-

E um domador lá dentro a chicotear trovões;

Outro:

Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas
Corriam pelo ar como grandes manadas
De bufalos;

Ainda outro:

A's vezes um fragor rouco de temporal
Quer bramir aavez do Himalaia nasal
Do abbade, mas achando os dois tuneis do

Enturidos de esterco infecto e de simonte,
Retrocede e lá vae por outro sorvedoiro
Expluir — com profundo e tremebundo es-

toiro !...

De resto a grande superioridade do poeta é a imagem. Como incisivo, cortante, synthetico só conheço que se lhe possa comparar a prosa de Camilo e as legendas de Gavarni.

Tem algumas admiraveis.

Não posso furtar-me a mostrar-lh'as.

Uma:

...e a crença é como a hera
Que sustenta e dá ainda um tom de primavera
Aos velhos torreões gothicos a cahir; vera

Outra:

A consciencia não é a besta d'uma nora.
Lembrae-vos que o Progresso é um carro
sem travão,
E que apagar em nós o facho da razão
E' o mesmo que apagar o sol quando flammeja,

Com o apagador de lata d'uma igreja;

E só esta mais:

As arvores, de luz inda doiradas,
Sobre os montes longinuos, solitarios,
Tinham tomado as formas rendilhadas
Das plantas dos herbarios.

Quem pois lesse o livro todo mudaria inteiramente a opinião produzida pela leitura das primeiras paginas. A *Ladainha moderna*, a *Circular*, a *Locomotiva*, a *Hydra*, a *Ladainha*, *Phantasmas*, o *Genesis*, mas sobre todas a *Sesta do Sr. abbade*, são magnificas, são de primeira ordem.

A ultima é extraordinaria. Lembra os desenhos de Daumier e não conheço nada de comparavel senão o Rabelais. E' unico.

Guerra Junqueiro é não só o primeiro poeta moderno da peninsula, mas, como poeta satyrico, é, em minha opinião, o primeiro de todos os tempos e de todos os paizes.

EMYGDIO MONTEIRO

A FLAUTA

Calá essa flauta, pastor !...
A cada nota que arrancaes
D'esse instrumento mavioso,
Não vês meu peito saudoso
Gemer por intensa dor ?
Não vês na lagryma ardente,
Neste suspiro abafado,
Pela agonia exalado,
Uma lembrança pungente ? !...
Siu; amargores libados
Na taça dos desenganos...
Sonhos por mim suspirados
Que não apagam os annos ! !...

Perdão ! prosegue, pastor !
Quero aspirar o perfume
D'esse passado de dor...

Então um vago queixume
Na tua flauta querida,
O, um adeus de despedida,
Mas não um canto de amor !...
E quando, voltendo ao nada,
Eu jouver, inanimada,
Sob o chão que o orvalho beija,
E a tanue brisa bafeja;
Repete a canção sentida,
Modula uma triste endeixa.
E minh'alma, então, descrida
Ouyirá da flauta a queixa !...

GUILHERMINA SASSETTI.

JORNÁES E REVISTAS

A excellente fôlha que se publica na capital de S. Paulo ha alguns mezes sob o titulo *O Monitor*, distinguio-nos em o seu n. 20 com a benevola e honrosissima noticia que em seguida transcrevemos, reconhecidos e lisongeados:

«*A Semana*»:— Aqui está um jornal que hade por força fazer acreditar em milagres. Entre nós, um jornal litterario, que não dura como as rosas de Malherbe, ou quando muito que não morre do mal dos sete dias, é um prodigio; toca as raias da phenomenalidade.

Quando *A Semana* apparecen, apesar do notavel talento e da actividade nunca desmentida de Valentim Magalhães, apesar dos seus brillantes collaboradores, pouco se dava por ella. Tinha defeitos que faziam desconfiar: não trazia artigos politicos, não insultava ninguem, occupava-se de assumptos espirituais e de alto bom gosto, tinha *verve*, tinha *graça*, tinha delicadeza no dizer, e—perigoso indício— não tinha erros de portuguez. Estava ali estava morta.

Não obstante, *A Semana* atravessou os duros primeiros mezes de existencia e atravessou-os sorrindo ás caréttas da burguezia que floresce nos *a pedidos* e d'elles se deleita. Completou o seu primeiro anno, cumprindo a risca um programma difficil, e está hoje desembarçada e tranquilla para uma viagem de longo curso.

É verdade que a marinhagem é firme, faz frente á tempestade, e sabe que o piloto não adormece no leme: e é por isso que a vemos chegar todos os domingos como uma mensageira de terras alegres, cheia de frutos delicados e saborosissimos, que nos compensam do alimento do jornalismo quotidiano com a sua sôpa, vacca e arroz da politica e da semsaboria.

O numero que temos presente, de 21 de Agosto, abre logo por um esplendido artigo sobre o *Duello e a Imprensa*, firmado por Valentim Magalhães. Não é de certo em vista d'elle que Ramalho Ortigão retirará a opinião que manifestou a alguém sobre o distincto jornalista brasileiro.

Seguem-se *Pastras femininas*, *A reabilitação* (conto), artigos sobre bellas artes e theatros (dos meliores que se publicam na Corte), poesias, noticias e a secção de perguntas e charadas. Falta d'esta vez a *Historia dos sete dias*, onde Filinto d'Almeida, um escriptor de elite, costumou os leitores á familiaridade do seu espirito parisiense.

Numa palavra, um numero interessantissimo.

Agradecemos a visita do nosso collega fluminense.»

Os nossos estimados collegas do *Diario Mercantil* de S. Paulo, reproduziram no seu n. de 25 do corrente o nosso artigo *O duello e a imprensa*, fazendo preceder á transcripção, na vespera, as seguintes honrosas palavras:

«O ultimo numero do excellent periodo *A Semana* traz um judicioso artigo de Valentim Magalhães, intitulado *O duello e a imprensa*.

«Pensando exactamente como o brillante escriptor sobre a soluçáo do conflicto travado entre a *Gazeta de Noticias* e o *Paiz*; e sobre a necessidade do duello, como um poderoso meio de regenerar a imprensa, reproduziremos amanhã esse notavel artigo, que responde ás vulgaridades reeditadas a proposito do recontro na Ilha d'Agua e aos commentarios sandios e malevolos que esse facto suscitou.

«O dr. Ferreira de Araujo,—escreve Valentim Magalhães—desafiando a um duello o sr. commendador Reis, e este, acceitando-o, firmaram um precelente francamente louvavel e com o qual a imprensa terá muito a ganhar.

«Inteiramente de accordo.»

Está acima de todo elogio o n. 437 da *Revista Illustrada*.

Na primeira pagina um magnifico e primoroso retrato do fino visconde do Bom Retiro, cuja perda hade chorar por longo tempo muitas familias que nelle tinham o seu unico protector; na 2ª pagina um fina e pungente satyra aos protectores de animaes... irracionais; a 3ª é uma bella pagina representando o duello entre os directores da *Gazeta de Noticias* e d'*O Paiz*; a ultima é dedicada á caridosa e eminente cantora Nadina Bulicoff. Texto varido e bom.

Um numero soberbo, este.

F. M.

SPORT

Realisaram-se no domingo passado, as corridas do Derby Club, apesar do tempo chuvoso e da raia estar completamente alagada... A concurrencia foi muito diminuta e o programma deixou de ter a devida importancia, pela falta de muitos parceiros que nelle se haviam alistado, mas cujos proprietarios temeram fazer correr em uma raia tão alagada e com um dia inteiramente chuvoso. Nem tanto nem tão pouco. Felizmente, incidente algum houve a lamentar-se.

Os pareos foram regularmente disputados, porem a maioria em mau tempo, isto é, tendo os parceiros percorrido os tiros com pouca velocidade.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) dos animaes inscriptos apenas correram *Villa-Nova*, *Aranha*, *Caporal* e *Biscaia*, que em 101 segundos venceu os seus competidores, que pouca importancia tinham. *Caporal* teve o 2º lugar *Villa-Nova* o 3º, e *Aranha* a bagagem, affrouxando completamente. *Peralta II*, *Saltarelle*, *Galgo*, *Americana* e *Genny* não correram.

No 3º pareo (1000 metros) correram *Pleiades*, *Gaudriole*, *Pancy*, *Françoise*, *Madama* e *Cheapside* que tendo salido um pouco atrazada, por ser manhosa, venceu com facilidade em 68 segundos, seguida por *Madama* que teve o 2º lugar. *Françoise* chegou em 3º. *Gaudriole* fez figura triste e foi mal corrida chegando em 4º. *Pancy* e *Pleiades* chegaram na bagagem.

No 5º pareo (1750 metros) *Satan* com facilidade em 121 segundos bateu *Coupon* e *Scylla* que chegou em 2º lugar, *Coupon* teve o ultimo lugar. *Gladiador* não correu.

No 4º pareo (1609 metros) *Druid* em mau tempo e ainda com facilidade venceu os seus adversarios em 115 segundos. *Regalia* chegou em 2º lugar. *Biscaia* em 3º e *Ivon* em 4º. Este pareo não foi disputado, foi a galope. *Aymore* não correu.

No 5º pareo (1450 metros) *Galgo* com immensa facilidade e em mau tempo venceu os seus competidores, em 116 segundos. *Vibora* chegou em 2º, *Condor* em 3º e *Famalicão* propositalmente, sem estar preparado, se alistou, e correu a galope. «Cautella que ha mouros pela costa...» *Monitor* e *Condor* não correram.

No 6º pareo (2400 metros) *Scylla* fez uma brillante corrida, debaixo de uma boa carga d'agua, lutando com *Dignitaire* que chegou em 3º lugar, comple-

tamente esgotado. *Scylla* venceu em 179 segundos. *Curubaú* chegou em 2º, *Platao* em 4º e *Dr. Jenner* em 5º quer dizer—na bagagem. *Nandi* não correu.

O 7º pareo (1600 metros) foi addiado para a primeira corrida que realisar esta sociedade.

No 8º pareo (1750 metros) *Coupon* em 126 segundos saiu victorioso, seguido por *Sylvia II* que teve o 2º lugar. *Boreas* chegou por ultimo fazendo má corrida.

Com um programma esplendido, realisa amanhã o Prado Villa-Isabel as suas corridas. Desejamos feliz exito na execuçáo do seu programma que inquestionavelmente é digno de ser apreciado pelos amadores d'este util divertimento.

Em nossa ultima pagina se acha elle impresso. Os dilettantes poderáo á vontade artiscar os seus palpites.

L. M. BASTOS

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

O MESTRE DE FORJAS

Silva Pereira, o nosso velho e sempre querido Silva Pereira, que é uma das figuras mais sympathicas da companhia do D. Maria, fez quarta-feira a sua festa artistica com a primeira d'*O Mestre de Forjas*, a detestavel e tão apreciada monstruosidade em 5 actos, de George Ohnet. O beneficiado escolheu aquella peça por saber que ella é uma das mais queridas do nosso publico e porque, estando doente, como está, nella apparecia num papel bom sem muito trabalho.

Do desempenho pouco ha que dizer em bem.

O beneficiado fez com graça e naturalidade o papel de Moulinet. João Rosa deu-nos um magnifico Felippe Derblay. Baptista Machado fez como fazia o barão de Prefont. Tudo o mais foi infeliz. Virgínia não estava á vontade na pelle de Clara de Beaulieu. Arrastou o seu papel sem relevo nenhum por aquelles actos fora, tendo apenas uma ligeira scintillação no terceiro, na scena com o duque de Bligny.

Antunes foi um infelicissimo duque... Bem a Sra. Amelia da Silveira no papel de Valentina, que nós conheciamos por Athenays.

A Sra. Alexandrina fez uma Suzanninha de agua morna.

Ferreira, Valle, Costa e os outros artistas tiveram pequenos papeis sem importancia.

Deve sêr segunda-feira, no D. Pedro II o beneficio dos irmãos Rosa. Representa-se nessa noite *A sociedade onde a gente se aborrece*, a estimada e bella comedia de Pailleron. Ao que nos dizem haverá nesta peça dois grandes attractivos:

Fará o papel de Suzanna, em especial obsequio aos beneficiados, a ex-actriz D. Sara da Silva, que o representava tão galantemente na companhia furtado Coelho; e Vasques, o nosso grande Vasques fará o insignificante mas gracioso papel do poeta tragico do primeiro acto.

Deve ser uma festa esplendida e, certamente, nessa noite o publico manifestará aos dois excellentes artistas portuguezes o alto apreço em que tem o seu merito e as suas qualidades de cavalheiros.

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

Zelo Duran, a graciosissima cantora da companhia franceza, fez beneficio no sabbado passado, com um acto de *Mme. Boniface*, outro de *Le jour et la nuit* e outro de *Boccace*.

Foi um bello espectáculo em que a beneficiada foi ruidosamente applaudida e abundantemente presenteadada, sendo por vezes o palco juncado de flores.

*

Faz beneficio hoje neste theatro a graciosa e distincta cantora Preziosi, cantando o papel de Wladimir Dimitrowich na bella opereta *Fatinizza*, papel que é creação d'ella. Parte do beneficio é destinado a redimir alguns escravizados.

SANT'ANNA

De passagem nesta capital, apresentaram-se ao publico fluminense, na noite de 25, no Sant'Anna, o tenor Aramburo e a soprano ligeiro Sra. Gambogi.

Aramburo cantou *La mia sposa sarà la mia bandiera*, do maestro Rotoli, a ballata *Questa è quella*, do *Rigoletto*, e a *Ave Maria* de Luzzi.

A Sra. Gambogi cantou um trecho da *Semiramis*, *Bel raggio*, *Lusinghler*, a *Ave Maria* de Gounod e um andante com variações, de Pietro Rode.

Aramburo, justificou a fama que tem de notabilidade no mundo artistico europeu.

*

Realiza-se amanhã neste theatro a grande *matinée* organizada pelo Vasques para commemorar o anniversario do fallecimento do grande actor João Caetano dos Santos, de cuja memoria é elle o mais fervoroso respeitador.

O Sr. Dr. Joaquim Nabuco encarregou-se do elogio de João Caetano.

O programma é magnifico, attrahentissimo, como todos os organisados pelo Vasques.

POLYTHEAMA

A estafada companhia de cavallicques dos irmãos Carlo continúa a dar funcções suporiferas; sempro o mesmo programma e rara é a noite em que se não dá um pequeno desastre. A concurrencia diminue gradualmente.

E' natural

Brevemente teremos um concerto magnifico, organizado pelo Sr. Ottolini de Veiga, basso portuguez que ha alguns mezes está nesta corte. O Sr. Ottolini é sobrinho do maestro Visconde de Arneiro, o apreciado auctor da opera *La Derelyta*, que tão apreciada foi em Lisboa.

O programma e o local do concerto não estão ainda determinados.

O actor Bernardo Lisboa fez beneficio hontem no Principe Imperial com a espectacular peça em 5 actos e 6 quadros, de D'Ennery — *A supposta adultera*.

A peça, que é de grandes effectos dramaticos, foi muito applaudida e o actor Lisboa muito festejado.

Acha-se impresso nitidamente o graciosissimo libreto da opereta *A Donzella Theodora*, um dos mais espirituosos de Arthur Azevedo.

O producto d'esta edição, que foi feita pelo Sr. Gaspar de Souza, revertirá em favor dos cofres da Imperial Associação Typographica Fluminense.

O merecimento litterario da peça, o primoroso trabalho da impressão e o seu philantropico destino recomendam sobejamente *A Donzella Theodora*.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

No domingo passado realisou o Sr. dr. L. H. Pereira de Campos mais uma das suas apreciadas conferencias sobre Instrução Publica.

Occupou-se S. S. com as Escolas Normaes, mostrando profundo estudo, idéias praticas e sensatas e erudição variada.

Perorou consagrando sentidas palavras de magua e saudade ao passamento do Visconde do Rio Branco.

Foi muito applaudido.

A *Gazeta Mineira*, que se publica em S. João d'El-Rey, consagra a primeira pagina do seu n. 159 á memoria do distincto poeta Jorge Rodrigues.

D'entre os artigos insertos neste numero destacam-se os dos Srs. J. Netto e José Braga que, com o estimavel poeta, fora fundador d'*O Domingo*, e por iniciativa do qual foi prestada aquella justa homenagem.

CLUB GYMNASICO PORTUGUEZ

Com extraordinaria concurrencia de socios, familias e convidados, realizou esta distincta sociedade, no sabbado ultimo, uma esplendida *soirée*, como inicio dos trabalhos da directoria ultimamente eleita.

O Club Athletico Fluminense dá amanhã uma grande corrida.

FALLECIMENTOS

FALLECERAM:—A 21, em Juiz de Fora, o Dr. Leonel Jaguaribe, medico distincto, filho do Sr. senador Jaguaribe; a 22, na Corte, o conselheiro Paiva Teixeira, ministro do Supremo Tribunal de Justiça; no Porto, o Sr. Alfredo José Rebello, filho do consul brasileiro naquella cidade e distincto quartannista de Direito em Coimbra.

RECEBEMOS

— *Historia de Gil Braz de Santithana*, fasciculo n. 37 e *Fabulas de Lafontaine*, fasciculo n. 8; editor David Corazzi.

— *Onze de Agosto*, polka habanera por D. Maria E. da Cruz Almada: S. Paulo. Offerecida á academia de S. Paulo, cuja fundação naquella dia se commemora annualmente. Sem mesmo ouvir-a, podemos assegurar que é uma bonita polka, porque a distincta auctora entende do riscado.

— *Litré*, commemoração do 50º anniversario da sua morte. 1881-1886 pelo Dr. Lycurgo Santos. S. Paulo.

— *Revista Federal*. Publicação do Club Republicano Rio Grandense. Magnificos artigos de Alvaro Chaves, Pauli Maiwald, Roma-

guera Corrêa, Dr. Ennes de Souza e Dr. Lucio de Mendonça. D'este, *data venia*, transcrevemos o curto e luminoso artigo sobre *A pena de açoites*.

Da casa « *Au Petit Journal* » *Le Printemps*, n. 15 do 21º anno. Muitos e lindos figurinos. Ha ali um certo *paillason Léda* encantador!

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e chirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

ALMANACH MUSICAL

POR

DOMINGOS MACHADO

Contendo os nomes de todos os artistas e amadores da corte e de todas as provincias, ornado com uma interessante parte litteraria. Primeiro trabalho neste genero que se tem publicado no Brazil. Acha-se á venda á rua da Alfandega 71, ou Gonçalves Dias 40.

Agencia Musical

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta — annuncio.

COLLEGIO PUJOL

NA

FREGUEZIA DOS MENDES, ESTAÇÃO DA E. DE F. D. PEDRO II

DIRIGIDO POR

HIPPOLYTO GUSTAVO PUJOL

« Dae-me a direcção do ensino durante um seculo e eu mudarei a face do mundo. »

LEIBNITZ

« Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario do que em todas as constellações do firmamento. »

GUERRA JUNQUEIRO

O COLLEGIO PUJOL, ha 18 annos fundado e dirigido pelo professor Hippolyto Gustavo Pujol, sob sua immediata responsabilidade, tem por fim a educação physica, moral e intellectual dos alumnos que lhe são confiados.

Collocado em um dos sitios mais saudaveis da provincia do Rio de Janeiro, a pequena distancia da Côte, oferece o Collegio Pujol as melhores condições hygienicas que se possam desejar para um estabelecimento d'essa ordem, já quanto aos ares purissimos do local, já quanto á excellencia do edificio.

A valiosa cooperação de professores illustrados e a pratica do magisterio, que temos exercido durante 20 annos no Brazil, nos habilitam a corresponder á confiança dos Srs. pais de familia, confiança plenamente justificada pelo crescido numero de alumnos que este Collegio tem preparado para todas as Academias do Imperio, onde muitos d'elles têm contribuido para levantar os creditos do Collegio Pujol.

PLANO GERAL DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA — O constante empenho do director terá sempre e especialmente em vista a educação moral e religiosa. A educação moral fórma o caracter, nos dirige e faz fructificar a educação physica e intellectual. Sejam quaes forem os meios empregados para purificar e ennobrecer as inclinações de nossos alumnos, para lhes ensinar seus deveres, ficaria nossa obra incompleta se não viesse a educação religiosa pôr-lhe remate, como escola de moral e fonte de felicidade, pois o homem só pela religião chega á plenitude do caracter moral que pertence á humanidade.

EDUCAÇÃO PHYSICA — A Gymno-physica é uma das condições de uma boa educação, havendo estreita connexão do physico com o moral.

A gymnastica tem decidida influencia sobre o caracter infantil.

A organização viciosa e a saude quebrada perturbam os trabalhos do espirito e imprimem nos sentimentos intimos um sello de corrupção.

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL — Em todo systema de educação um principio unico e absoluto predomina: é estudar a indole e a natureza moral dos discipulos. Esta é a base do systema de educação adoptado no Collegio Pujol.

Um bom methodo deve marchar do simples para o composto, do concreto para o abstracto, do particular para o geral, baseando-se sobre os methodos dos pedagogistas allemães Grassnam, Harnish, Spiess, Wurst, Denzell, Kellner, cujos manuaes de *intuição* tanto andiantaram na Allemanha a pedagogia.

Decide o methodo do bom exito do ensino, porque é guia do estudo; é o methodo o itinerario da instrucção.

A alma do nosso methodo é a *intuição*, sendo nosso mestre o benemerito Pestalozzi.

Esse methodo oferece a *cousa* em lugar da *definição*, a *realidade* em lugar das *formulas*, os *factos* em lugar das *convenções*. Tira a *intuição* o véo que a linguagem e signaes de convenção lançaram sobre a Natureza, e põe o menino em presença do que existe, recorrendo á observação, obrigando o espirito a reflectir, excluindo a vã sciencia que só assenta em palavras e a imitação de trilha que repete mecanicamente o que aprendeu.

O estudo da lingua vernacula é um dos ramos de educação litteraria que mais prende a attenção do director, por ser este estudo a base essencial para o desenvolvimento de todos os conhecimentos humanos.

Aprendendo mal a lingua vernacula o menino começa a falsificar seu juizo. A grammatica não é arte de luxo: é a primeira educação do pensamento. Aprender a bem falar, é aprender a reflectir.

PROGRAMMA DE ESTUDOS

Compreende 4 cursos:

- 1º—Curso primario do 1º gráo.
- 2º—Curso primario superior.
- 3º—Curso secundario.
- 4º—Curso accessorio.

Nos dois ultimos cursos estão comprehendidos todos os preparatorios exigidos para a matricula nas diversas academias do Imperio, bem como um curso sobre noções elementares de Historia Natural, Physica, Chimica, Hygienic, Musica vocal e instrumental, Gymnastica e Desenho.

O enxoval fica á vontade dos pais.

Não se exige joia de entrada.

As pensões começam no dia da matricula, sendo pagas por trimestre andiantado.

PENSÕES

Internos.....	40\$000	mensaes
Externos (curso primario).....	6\$000	»
Externos (curso secundario).....	12\$000	»
Roupa lavada.....	6\$000	»
Uso e conservação do material escolar e gymnastico.....	2\$000	»
Piano.....	8\$000	»

O Curso de Gymnastica é obrigatorio.

O ensino de Musica (banda collegial) e Gymnastica é gratuito.

Cada alumno deverá ter seu correspondente na Côte, podendo, entretanto, ser pagas as pensões aos Srs. Ferreira Mondego & C., rua do Hospicio, 38.

As pensões não soffrem desconto em caso algum, excepto quando se tratar de molestia longa, que prohiba a frequencia por mais de um mez.

O director, H. G. PUJOL.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA DA DECIMA CORRIDA

A REALIZAR-SE EM 29 DE AGOSTO DE 1886

AO MEIO-DIA

1º pareo — CRIADORES — 1.350 metros — Animas de menos de meio sangue, que não tenham ganho — Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro,

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Dr. Canivete, ex-Nema</i>	Alazão.....	7 annos	Rio Grande...	54 kilos	Vermelho e branco.....	Carlos P. Barbosa.
2	<i>Zizania</i>	Castanho....	4 »	R. de Janeiro	49 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	<i>Tufão</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Verde e amarello.....	J. Andrade.
4	<i>Pampeiro</i>	Idem.....	3 »	Rio Grande..	48 »	Idem, idem,	Joaquim A. Silva.
5	<i>Boleiro</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
6	<i>Verbena</i>	Idem.....	4 »	R. de Janeiro	49 »	Azul e ouro.....	J. J. de F. Guimarães.
7	<i>Tejo</i>	Pampa.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Ouro e encarnado.....	A. M.

2º pareo — ENSAIO — 1.450 metros — Inteiros e eguas nacionais de 3 annos — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	<i>Pip</i>	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	43 kilos	Ouro e rosa.....	B. V.
2	<i>Flotsam</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	<i>Condor</i>	Castanho....	3 »	Paraná.....	48 »	Azul e grénat	J. J. de F. Guimarães.
4	<i>Onix</i>	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes.
5	<i>Feiticeira</i>	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Grénat e rosa.....	S. M.

3º pareo — INTERNACIONAL — 1.450 metros — Animas de todos os paizes — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 annos	França.....	55 kilos	Verde, branco e encarnado.	R. M.
2	<i>Nana</i>	Castanho....	5 »	Inglaterra..	58 »	Branco, e m. violetas.....	J. H.
3	<i>Sylvia II</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul, branco e encarnado.	Coud. Cruzeiro.
4	<i>Madama</i>	Idem.....	3 »	França.....	52 »	Idem, idem.....	Idem, idem.
5	<i>Diomede</i>	Zaino.....	3 »	Idem.....	54 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
6	<i>Dr. Jenner</i>	Idem.....	4 »	Rio da Prata.	55 »	Grénat e bonet ouro.....	Raul de Aguiar.
7	<i>Cheapside</i>	Alazão.....	3 »	Inglaterra..	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
8	<i>Gaudriole</i>	Castanho....	3 »	França.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

4º pareo — PROGREDIOR — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionais até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	<i>Druid</i>	Tordilho.....	4 annos	R. de Janeiro	55 kilos	Branco e bonet encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Intima</i>	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e listão encarnado.	Mario de Oliveira.
4	<i>Calote</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	51 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

5º pareo — SUBURBANO — 1.800 metros — Animas de todos os paizes — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	<i>Satan</i>	Castanho....	3 annos	França.....	53 kilos	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.
2	<i>Coupon</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	<i>Pleiades</i>	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	57 »	Encarnado, e branco.....	J. Machado.
4	<i>Françoise</i>	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

6º pareo — EXPERIENCIA — 1.450 metros — Animas nacionais de meio sangue, que não tenham ganho nesta distancia — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	<i>Caporal</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Verde, branco e encarnado.	R. M.
2	<i>Bonita</i>	Idem.....	5 »	Idem.....	52 »	Grénat e ouro.....	José Machado.
3	<i>Douro</i>	Idem.....	7 »	R. de Janeiro	54 »	Verde e amarello.....	José Guimarães.
4	<i>Araby</i>	Idem.....	4 »	Idem.....	51 »	Grénat e lyrio.....	Mario de Almeida.
5	<i>Ivon</i>	Zaino.....	4 »	Paraná.....	51 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
6	<i>Peralta II</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	51 »	Azul e manchas encarnadas	Idem.
7	<i>Bitter</i>	Preto.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e rosa.....	Hermenegildo J. Silva
8	<i>Pr cloria</i>	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.
9	<i>Americana</i>	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro	49 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.

7º pareo — ANIMAÇÃO — 1.000 metros — Eguas de qualquer paiz, que não tenham ganho este anno — Premios: 500\$ a primeira, 125\$ a segunda e 75\$ a terceira

1	<i>Pansy</i>	Zaino.....	3 annos	Rio da Prata.	54 kilos	Cereja, verde e amarello...	V. M.
2	<i>Nana</i>	Castanho....	5 »	Inglaterra..	61 »	Branco e m. violetas.....	J. H.
3	<i>Sylvia II</i>	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
4	<i>Norma</i>	Zaino.....	3 »	Inglaterra..	56 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara,
5	<i>Aspaside</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	59 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	<i>Cheapside</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	56 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
7	<i>Gaudriole</i>	Castanho....	3 »	França.....	56 »	Azul e ouro	Coudelaria Alliança.

OBSERVAÇÕES — As corridas principiãrão ao meio-dia em ponto, impreterivelmente, e terminãrão as 4 3/4.

O animal *Dr. Canivete* é montado pelo seu proprietario.

Os animas inscriptos no 1º pareo devem achar-se no ensilhamento às 11 horas em ponto.